

O impacto da desvalorização

Maria Clara R. M. do Prado



Antes da abertura econômica no início dos anos 90, quando importar era algo particularmente controlado, qualquer movimento de desvalorização da moeda nacional tinha efeito líquido positivo sobre a balança comercial.

Quer dizer, era substancial o impacto sobre as receitas obtidas com a exportação.

Como a economia se encontrava extremamente fechada, os efeitos sobre a importação não eram tão substanciais.

O quadro mudou bastante.

A redução das tarifas de importação e a eliminação de grande parte das demais barreiras funcionaram, sabe-se, como forte indutor ao aumento da produtividade interna.

A indústria nacional teve de repente de competir com similares importados que chegavam ao consumidor brasileiro por preços mais baixos e com maior qualidade.

Era produzir mais e melhor ou morrer.

Os efeitos da abertura, reforçada pela valorização do real, foram fortemente sentidos na estrutura do mercado interno.

Um trabalho elaborado por economistas da Funcex e do Ipea, recentemente atualizado, mostra claramente que o coeficiente de

penetração das importações cresceu consistentemente a cada ano desta década.

O coeficiente foi calculado para cada um dos setores da indústria de transformação, considerando-se o valor da demanda interna (valor da produção menos exportação mais importação).

Renato Fonseca, Mário de Carvalho Júnior e Henry Pourchet fizeram uma atualização dos dados na semana passada e concluíram que aquele coeficiente foi ampliado do nível de 4,16% em 1990 para 12,98% em 1998. Foi 7,73% em 1994 e 10,7% em 1996.

É muito provável que retroceda, mantido o atual nível de desvalorização cambial.

O trabalho — “A orientação externa da Indústria de Transformação Brasileira após da Liberalização Comercial” — contém, porém, um outro enfoque.

Chama a atenção para algo novo em se tratando de economia brasileira. É que ain-

Efeitos da abertura econômica

Ano	Cexp	Cinsimp	Cabel (total)
1989	9,57	3,32	6,25
1990	7,51	3,24	4,27
1991	10,26	4,21	6,05
1992	11,91	4,09	7,82
1993	10,98	3,85	7,13
1994	10,44	3,94	6,50
1995	9,70	4,74	4,96
1996	10,11	5,36	4,75
1997	10,85	5,92	4,93
1998	11,34	5,80	5,54

Fonte: FUNCEX, IPEA (tabela por Renato Fonseca, Mário de Carvalho Jr. e Henry Pourchet e Centro de Informações da Gazeta Mercantil)
Cexp = Coeficiente de exportação
Cinsimp = Coeficiente de penetração de insumo importado
Cabel = Coeficiente de abertura líquida

Coeficientes de abertura líquida

Indústria de transformação

Atividade	1989/90	1995/96	1998
Café	60,90	55,70	69,81
Calçados	25,70	45,30	61,44
Óleo vegetais	36,70	43,90	34,10
Açúcar	14,40	42,90	46,90
Metalurgia não ferroso	16,50	21,60	14,25
Abate animais	7,10	12,20	15,48
Siderurgia	15,10	10,10	8,42
Pecas e outros veículos	11,50	10,00	15,45
Benefic. produtos vegetais	13,80	9,20	10,07
Material elétrico	4,90	7,60	5,83
Celulose, papel e gráfica	5,90	7,30	6,76
Madeira e mobiliário	2,80	6,20	7,16
Indústrias diversas	5,80	5,20	7,11
Máquinas e tratores	3,00	5,20	6,10
Elementos químicos	3,10	4,10	5,67
Borracha	4,50	2,90	3,93
Ourtos produtos alimentares	3,60	1,90	1,39
Ourtos produtos metalúrgicos	1,60	1,50	0,64
Veículos automotores	7,10	1,10	8,71
Minerais não metálicos	0,00	0,70	0,86
Farmacêutica e perfumaria	-0,50	-0,30	-0,10
Laticínios	-0,80	-0,90	-1,09
Equipamentos eletrônicos	2,90	-2,60	-3,78
Artigos de vestuário	0,50	-2,60	-3,35
Têxtil	4,70	-3,20	-4,15
Plástica	-0,70	-3,50	-4,16
Químicos diversos	-2,00	-3,60	-3,83

Fonte: FUNCEX/IPEA (Tabela elaborada por Renato Fonseca, Mário de Carvalho Jr. e Henry Pourchet e Centro de Informações da Gazeta Mercantil)

da não havia sido experimentada uma desvalorização expressiva — estava ontem acima de 40% no acumulado do ano — em um quadro de economia aberta como o atual.

Era mais barato fazer uso de insumos importados na confecção de um bem do que valer-se do produto nacional.

Quando o câmbio muda e a moeda vale menos, aqueles insumos ficam mais caros.

A indústria que exporta passa a conviver com maior receita cambial, mas enfrenta também maior custo pelo peso da desvalorização sobre os insumos que importa.

Os autores calcularam o que chamam de coeficiente de abertura líquida, sendo esta a diferença entre o coeficiente de exportação e o coeficiente de penetração de insumos importados (ver tabela). Ambos relacionam-se com o valor interno da produção.

“Quando a economia era fechada, qualquer desvalorização cambial estimulava as exportações sem que o custo de produção doméstica fosse ao mesmo tempo significativamente afetado”, comentou Renato Fonseca para a coluna.

O efeito bate de forma diferente. É mais positivo sobre os calçados, cuja exportação foi muito ampliada. Os que usam boa dose de insumo importado, como os eletrônicos, têm impacto negativo da desvalorização.

Portanto, tornou-se bem mais difícil prever hoje o reflexo da desvalorização da moeda na balança comercial.■

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)